

Camilo deu um ano de liberdade aos reclusos de Guimarães

Projecto da Capital Europeia da Cultura pôs a população prisional a escrever e a fazer filmes inspirados em *Memórias do Cárcere*, de Camilo Castelo Branco. Um trabalho coordenado pelo escritor Rui Horta e pelo cineasta Tiago Afonso

Samuel Silva

Só quando o guarda prisional abre a porta da cela é que Alberto volta a lembrar-se onde está. Durante um ano, leu, escreveu e fez filmes. Saiu para várias viagens e recebeu a visita de figuras públicas. “Há dias em que nem parece que estou preso”, conta. Ele é um dos 20 reclusos do Estabelecimento Prisional (EP) de Guimarães que participaram em *Novas Memórias do Cárcere*, um projecto da Capital Europeia da Cultura (CEC) que pôs a população prisional a criar inspirada na obra de Camilo Castelo Branco.

Alberto tem 39 anos, mas ali todos os conhecem pelo nome de miúdo: Bertinho dos Tambores. Vem de uma família de produtores de caixas e bombos para as festas da região e faz questão de o sublinhar. Ele praticamente monopoliza a conversa com outros três reclusos do EP de Guimarães, mas não é por reverência que outro colega se apressa a confirmar os efeitos da participação nesta iniciativa. “O tempo tem passado mais depressa”, diz Eduardo, 28 anos. A Ricardo, que é um ano mais novo, é preciso arrancar as palavras, mas

depois de alguma resistência aponta no mesmo sentido: “Não senti o peso da reclusão e isso já é muito bom”.

Desde o início do ano que este projecto mudou o quotidiano dos reclusos do EP Guimarães. Primeiro, com um trabalho de leitura e escrita coordenado pelo mediador cultural e escritor Miguel Horta, a que se seguiu uma oficina de realização, a cargo do cineasta Tiago Afonso. Em ambos, o ponto de partida foram as histórias de prisão que Camilo Castelo Branco escreveu nas *Memórias do Cárcere*, publicado em 1862 a partir da sua experiência de detenção na Cadeia da Relação, no Porto.

O livro foi o mote para que a Casa de Camilo e a Guimarães 2012 lançassem as *Novas Memórias do Cárcere*. Além da oficina de escrita e da realização das curtas-metragens, os 20 reclusos que participaram no projecto receberam visitas de personalidades como o actor Ruy de Carvalho, a escritora Alice Vieira ou o arcebispo de Braga Jorge Ortiga, que lhes leram passagens da obra e conversaram com os reclusos. Depois, os participantes tiveram também oportunidades de fazer visitas à Casa Museu de Camilo e à Cadeia da Relação.

Para eles foi uma hipótese de liberdade sem precedentes. Para Valter, 29 anos, era “impensável fazer uma visita”, mas este projecto possibilitou-o. “O importante era sair daqui”, sublinha. Os outros reclusos

que falaram com o PÚBLICO valorizam também a importância das saídas do EP de Guimarães, mesmo que divirjam na viagem favorita. “O que gostei mais foi da cadeia”, diz Eduardo, para quem o “degrado” da Relação não se compara com as condições em que hoje vive. Já Alberto preferiu a Casa-Museu onde Camilo Castelo Branco passou os últimos tempos da sua vida.

Mas houve mais do que Camilo nesta iniciativa: “A minha primeira intenção foi seduzi-los para a leitura e para a escrita”, explica Miguel Horta. Começou pelos contos e os livros de imagens para espoletar as conversas com os reclusos, passou para a escrita de cartas, as histórias da infância e a poesia, convidando aqueles 20 homens a ler e depois a escrever. Esteve com eles entre Março e Junho e o resultado foram textos “muito diferentes”, mas alguns “incríveis”, conta. Esses trabalhos vão agora ser compilados em livro, que será lançado até ao final do ano pela Guimarães 2012.

Textos autobiográficos

Ninguém estava obrigado a escrever sobre a sua vida, mas os textos produzidos são quase todos autobiográficos. Há narrativas de fugas, de famílias de ladrões e de falsários, ilustra Horta. Os resultados são, sobretudo, uma catarse para quem está na prisão. Por exemplo, para Ricardo, um dos reclusos, a oficina de



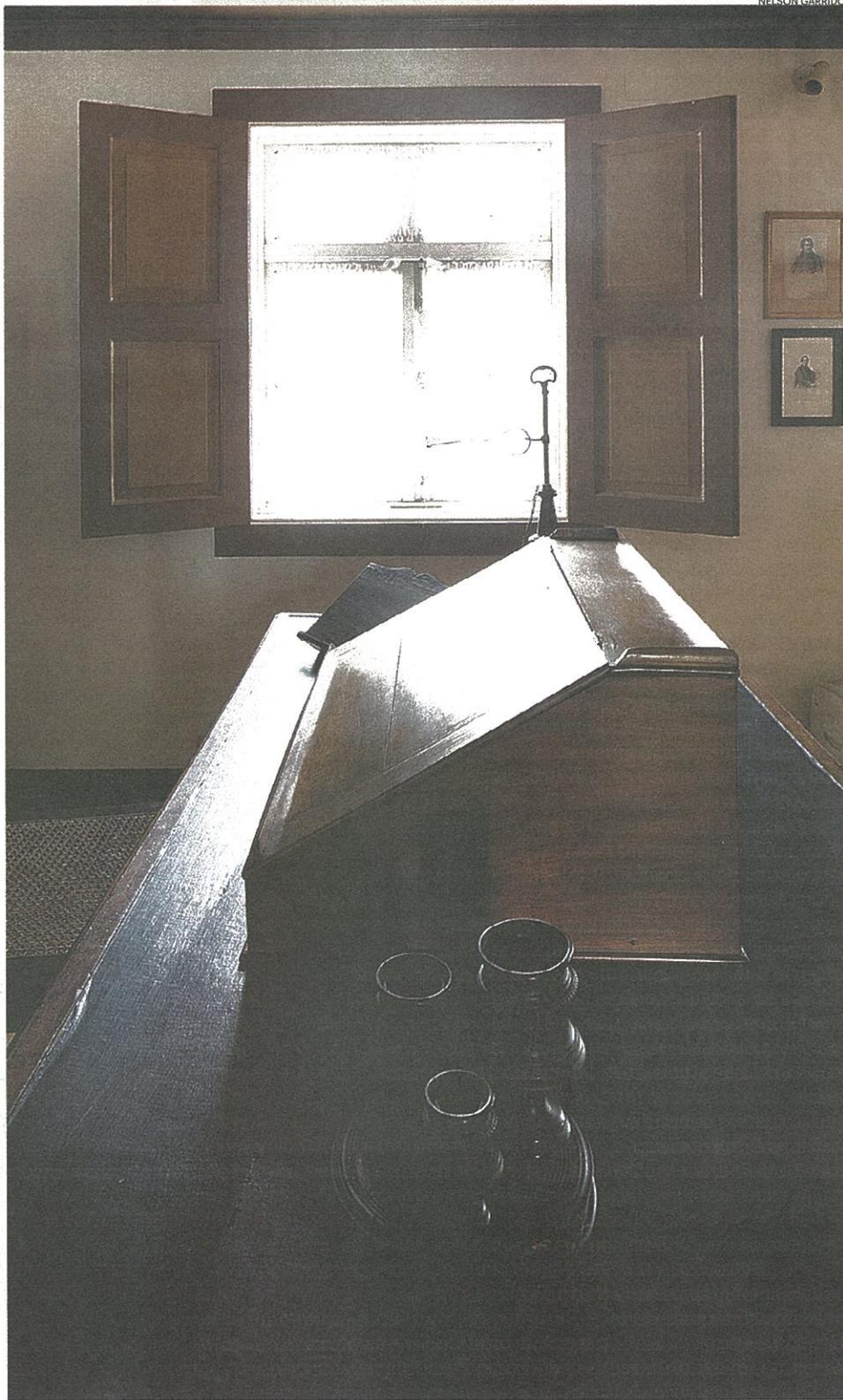
escrita foi uma oportunidade para “reflectir mais sobre as asneiras que me levaram a vir para aqui”.

Essa reflexão pessoal está também presente nas 13 curtas-metragens que os mesmos reclusos fizeram, desde o Verão, com o realizador Tiago Afonso, e que hoje são apresentadas no Centro de Artes e Espectáculos São Mamede (17h). Às 21h, o realizador Tiago Afonso estreia *O Tempo/Espaço*, um filme que documenta o conjunto das actividades organizadas no âmbito desta iniciativa. Para os reclusos é mais uma oportunidade de voltar a sentir alguma liberdade com a viagem - curta - entre o EP e a sala de cinema.

Para o público, será o primeiro contacto com as obras destes reclu-

sos a quem foi dada esta oportunidade. Os filmes contam também histórias pessoais dos participantes, mas a exposição é menor do que nos textos, conta Tiago Afonso: “Eles não estão dispostos a expor-se da mesma forma no audiovisual”. Ali há retratos de alguma ironia para com o EP, pequenos teatros ou aproximações ao universo televisivo com simulações de um *reality show*.

Mas o próprio realizador surpreendeu-se com algumas soluções. “Eu dou aulas no ensino superior e os jovens de hoje em dia não têm o poder de concepção que encontrei aqui”, sustenta Afonso. Numa população “sacrificada”, sem grande contacto anterior com o universo de cinema, encontrou mentes sem



Interiores da Cadeia da Relação, no Porto, e da Casa Museu Camilo, em Vila Nova de Famalicão. À direita, imagens dos filmes que documentam a experiência deste projecto

ideias preconcebidas sobre a realização. E isso foi uma vitória.

Miguel Horta faz trabalho de mediação cultural com reclusos há sete anos. Já passou pelo EP de Lisboa e pela prisão feminina de Odemira, por exemplo, mas na cadeia vimezanense encontrou um ambiente “mais pacífico”. Tiago Afonso também tinha andado por Lisboa e por um centro de detenção de menores, no Norte do país. Sobre Guima-

rães, arrisca dizer que aquela é uma “prisão-modelo”. De facto, aqui há apenas 80 pessoas condenadas, sobretudo por crimes com molduras penais pequenas. “Praticamente não há fenómenos como drogas pesadas ou violações, como nos estabelecimentos maiores”, sublinha o realizador. Por isso, apesar de haver conflitos, o ambiente é menos tenso do que em outros ambientes.

Mesmo assim, montar a operação *Novas Memórias do Cárcere* foi um desafio complicado para os guardas prisionais do EP de Guimarães. “A casa é pequena e tivemos que adaptar as escalas ao serviço. Isso acabou por nos mudar muito os hábitos”, explica Hélder Sousa, chefe dos guardas prisionais naquela prisão.

Foi preciso, por exemplo, garantir a segurança das várias visitas ou correr o risco de ter os reclusos a filmar durante vários dias no pátio exterior do estabelecimento, obrigando a reforçar a segurança, sem que com isso se condicionasse o trabalho de realização dos filmes.

Perigo de “ressaca”?

A forma como foram rodadas as 13 curtas-metragens que hoje são estreadas acabou por ser paradigmático do impacto que *Novas Memórias do Cárcere* teve sobre a população do EP. Em cada filme, um ou dois reclusos eram os realizadores, mas todos os outros colaboravam, assumindo responsabilidades sobre o som, a imagem, a anotação ou a produção.

“**A minha primeira intenção foi seduzi-los para a leitura e para a escrita**

Miguel Horta
Mediador cultural e escritor

Aprendemos a sentar-nos a uma mesa e a falarmos entre nós

Eduardo
Recluso, 28 anos

Não senti o peso da reclusão e isso já é muito bom

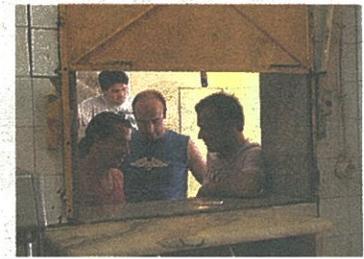
Ricardo
Recluso, 27 anos

Ambiente melhorou e aprenderam a colaborar e a trabalhar em grupo

Hélder Sousa
Chefe dos guardas prisionais

Dou aulas no ensino superior e os jovens de hoje em dia não têm o poder de concepção que encontrei aqui

Tiago Afonso
Realizador de cinema



”

No final do projecto, todos passaram pelos vários lugares da equipa. E isso aconteceu sem “nenhum atrito pontual” entre eles ou com os guardas, garante Hélder Sousa. “O ambiente melhorou e aprenderam a colaborar e a trabalhar em grupo”, sublinha o chefe dos guardas prisionais. “Aprendemos a sentar-nos a uma mesa e a falarmos entre nós”, confirma Eduardo.

As coisas correram de tal forma que, passado uma semana do final do projecto, os reclusos já pediam à direcção e aos guardas mais iniciativas deste tipo. Para já, a influência de Camilo fez com que a esmagadora maioria dos participantes nesta iniciativa tivessem regressado às aulas. “Quero dar continuidade à

escrita”, justifica Alberto, que 20 anos depois voltou a estudar.

Mas Tiago Afonso receia que haja um perigo de “ressaca” para os homens que estiveram tão activos durante o último ano. A esta oportunidade, que o realizador classifica como uma “pequena brecha de felicidade”, pode seguir-se um vazio. Por isso, antecipa um certo “retour a normal” no dia-a-dia do EP de Guimarães. Por muito bons que tenham sido os resultados, manter actividades como esta exige um esforço financeiro que não acredita ser possível manter: “Neste país, tirando esta excepção de uma Capital Europeia da Cultura, duvido que alguém vá dar dinheiro para isso”.